

Entrevista Moacyr Corsi

“Demanda aquecida é estímulo para produtor se tecnificar”



No currículo do engenheiro agrônomo e professor Moacyr Corsi – nome de referência em pecuária de leite e de corte, não só no Brasil – constam sua formação pela Esalq/USP, em Piracicaba, SP; mestrado em Agronomia na Ohio State University, nos EUA; dois pós-doutorados, um em West Virginia University, também nos EUA, e outro na Massey University, na Nova Zelândia. Atualmente, é professor titular do Departamento de Zootecnia da Esalq e professor convidado da Massey University, na Nova Zelândia, país de ponta na pecuária leiteira. Com um currículo deste calibre, ao ser indagado sobre como a revista o qualificaria na apresentação desta entrevista, ele se orgulha em dizer: “Bom mesmo é dizer que eu sou produtor rural. É a coisa da qual eu mais me orgulho”. O professor Corsi mantém, em Águas de Lindoia, SP, uma propriedade com gado de corte. Já teve gado de leite, mas, diante de tantas aulas, consultorias e viagens que tinha de fazer, achou melhor não continuar. “A pecuária de leite exige um comparecimento bastante intenso na propriedade, e eu não tinha condições de fazer isso naquele momento”, justifica. Assim, ele segue dando assessoria e ensinando milhares de pecuaristas a melhorarem sua atividade, principalmente no quesito pasto. De Paragominas, no Pará, onde também estava prestando assistência técnica, ele falou à *Mundo do Leite*.

Tânia Rabello

Mundo do Leite – A cadeia do leite só vai efetivamente se profissionalizar quando o País se tornar um grande exportador de leite, a exemplo do que já ocorre nos setores de pecuária de corte e de grãos?

Moacyr Corsi – Não necessariamente. A pecuária leiteira já dispõe, atualmente, de alguns focos bastante desenvolvidos no País. Por isso acredito que a difusão de tecnologia neste meio vai ser cada vez mais rápida. Já temos exemplos, em diversas regiões, nas quais a produtividade é elevada. Por isso acredito que a difusão de tecnologia vai ser feita principalmente por intermédio desses produtores, que se tornam exemplos para aquela região. É uma maneira mais lenta de difusão de tecnologia, mas tem bastante peso, principalmente em relação àquela situação vivida há alguns anos, em que eram muito poucos os produtores que podiam ser considerados como referência.

Então, no caso do leite, a conquista do mercado externo não é determinante para a profissionalização do produtor?

Acho que não. Ainda mais na situação atual, em que a demanda interna está excelente. Creio que se a demanda continuar boa e houver um constante equilíbrio entre oferta e demanda, os preços internos devem continuar bons para o produtor de leite e isso o estimula a investir mais na atividade. Mas, quando falamos em economia externa, devemos ressaltar que também lá fora há um forte aumento na demanda, fato que desperta o interesse principalmente dos produtores maiores, que estão mais tecnificados e têm condições de aumentar em muito pouco tempo a sua produtividade, caso surja a demanda, e passar a exportar. Já para os que ainda não têm tecnologia suficiente, estes percebem o aumento da demanda e do preço, mas, como ainda têm uma produtividade muito baixa, não têm condições de dar grandes e rápidos saltos

produtivos; o quadro econômico desse tipo de propriedade não muda muito, em função da baixa produtividade. Entretanto, é evidente que as demandas interna e externa aquecidas dão ânimo para os produtores aumentarem a produtividade, já que a rentabilidade melhora com isso. É uma situação de mercado que acaba, por consequência, trazendo mudanças significativas em relação ao conceito de trabalho das fazendas leiteiras.

Uma tecla na qual o sr. sempre bate, tanto para a pecuária de leite quanto a de corte, é em relação à gestão de pastagens. O salto de produtividade passa necessariamente por uma gestão de pastagens?

Certamente. Acho que o maior potencial que o pecuarista tem para elevar a taxa de lotação – portanto o número de animais e a produtividade – está não só gestão de pastagem, mas também na conservação de forragem para os meses de seca, o que garante menores custos na alimentação do

rebanho. Digamos que o produtor, quando trabalha com base no pasto, tem uma tendência a ter alta produtividade de forragem no período das águas e uma queda de produtividade no período seco. Nas águas, a taxa de lotação dos pastos tem de ser maior para consumir toda aquela forragem que está sendo produzida. Só que na seca, apesar de o pasto reduzir a produção, o pecuarista tem de encontrar um meio de continuar alimentando o rebanho principalmente com volumoso, que demanda menores gastos. Por isso a conservação de forragem é primordial para o pecuarista obter o equilíbrio nutricional dos animais durante o ano todo. E, se ele tiver animais que respondem bem ao tratamento com grãos (o concentrado), ele vai ter mais benefícios. Mas grãos devem ser um complemento, porque são muito caros. A maior parte da manutenção do animal tem de ser feita com pasto, com volumoso. O produtor tem de ter em mente que concentrado é para alavancar a produção, mas desde que seja de uma maneira economicamente viável. Se ele tiver de tratar os animais com concentrado por causa da falta de forragem de qualidade, o sistema fica prejudicado economicamente.

Neste verão, por exemplo, quando tivemos um inesperado e longo período seco principalmente no Centro-Sul, o que o sr. recomendaria para os produtores? Muitos não conseguiram nem mesmo semear o milho safrinha ou fazer uma renovação ou manutenção correta do pasto para enfrentar o inverno.

Acho que, infelizmente, diante dessa seca inesperada em plena época das águas, as alternativas são poucas. Evidentemente, uma delas é dividir o rebanho, fazendo uma seleção, para diminuir o plantel, vendendo os animais de menor potencial dentro do sistema do produtor. Mas isso o pecuarista não quer, não gosta de fazer, tem uma resistência enorme, porque ele sabe que não vai adquirir animais da mesma qualidade quando ele voltar ao mercado. Outra maneira que eu acho que seria a mais viável é ele se preparar agora, adquirindo alimentos como feno e outras forragens, além de concentrado, antes da época da seca. Porque evidentemente, quando todo mundo esti-



A pecuária leiteira pode ser extremamente lucrativa. Mais lucrativa do que todas as outras atividades agrícolas e pecuárias.”

ver comprando, os preços vão ter subido muito. Se for possível, ele também pode conservar forragem (pasto), mesmo que seja em outro local, para depois transportar isso e suplementar os animais, embora isso também seja caro e o pecuarista tem resistência a fazer. Outra alternativa – que, quero destacar, só é aconselhável nesse período de exceção, em que não choveu no período das águas – é adubar o pasto agora. Embora a resposta do pasto à adubação nesta época do ano vá ser baixa, alguma resposta haverá, nessa situação de emergência. Diante dessa situação drástica que estamos vivenciando na pecuária de leite, de seca inesperada e tendo em vista que o frio logo vai chegar, adubar o pasto pode ser uma solução para reduzir a necessidade de forragem e grãos lá na frente, no auge da seca. Não se trata, volto a repetir, de uma recomendação que deva ser feita sempre. Ao contrário. Essa recomendação não deve ser feita, só nesta situação de emergência.

Ou seja, adubar pasto agora vai ser caro e a resposta não será a adequada, mas ainda assim será uma prática mais barata do que o produtor ser obrigado a comprar concentrado lá na frente.

Exatamente. Ele tem uma garantia maior de produção de pasto dentro da propriedade dele, sem depender tanto de terceiros. Não é uma recomendação ideal – é bom destacar isso – em condições normais, mas devido à situação de seca, essa recomendação é viável para reduzir a pressão de custos sobre grãos ou até mesmo a falta de grãos. Você precisa ter um alimento para garantir o suprimento dos animais. O custo do grão vai ser alto, então tem-se que começar a produzir agora. E tem de adubar agora, porque, lo-

go, logo, a temperatura vai reduzir essa resposta à adubação.

Gostaria também que o sr. falasse da gestão de propriedade leiteira. Como o pecuarista brasileiro está em relação à gestão da sua propriedade?

Melhorou bastante. Atualmente a nutrição dos animais está muito mais adequada e, com isso, uma boa porcentagem dos animais é mais produtiva. Há cerca de 20 anos, sem um sistema de alimentação adequado, a porcentagem de animais produtivos no rebanho era bem mais baixa, entre a fase de reter novilhas para crescimento, para depois chegarem à fase de reprodução. Hoje, mais bem alimentadas, as novilhas crescem mais rápido e entram mais rapidamente na fase de reprodução. Então o número de animais improdutivos ou que não estão produzindo renda é bem menor do que há duas décadas. Outro aspecto que se tem mostrado bastante evidente no sistema de produção atual é a taxa de lotação nas pastagens. São taxas bem mais elevadas do que a média de duas décadas atrás. Hoje é possível encontrar 12, 15 vacas por hectare, quando antes havia apenas 1 vaca por hectare. Só isso significa uma alavancagem enorme no sistema de produção. As vacas estão sendo cada vez mais bem cuidadas em termos nutricionais e de sanidade, lembrando ainda da genética mais apurada que está sendo implementada nos rebanhos, o que também contribui para elevar a produção por vaca. Então, a produtividade tem sido bastante significativa, tornando a atividade extremamente competitiva em relação a qualquer outra atividade de uso do solo.

A pecuária leiteira pode ser, efetivamente, a mais lucrativa de todas?

Sim. É uma atividade extremamente lucrativa. Quando é intensificada, produzindo de 25.000 a 30.000 litros por hectare, é extremamente lucrativa, embora ela não seja reconhecida como tal, porque a produtividade média da pecuária leiteira no País é de apenas 3.000 litros por hectare. É uma produtividade muito baixa. Mas, quando você fala em 25.000 a 30.000 litros por hectare, a pecuária de leite passa a ser muito lucrativa, mais do que todas as outras. ■